

Trivialidade do mal e excepcionalidade do bem nas imagens arquetípicas no jornalismo

Sílvio Anaz¹

Resumo

Notícias negativas ocupam espaço significativo no jornalismo impresso, televisivo e on-line. Muitas são ilustradas por fotografias e vídeos que contribuem para reforçar a negatividade. Diferentes hipóteses nos campos da comunicação, psicologia, sociologia e antropologia buscam explicar o fenômeno da predominância das más notícias. Para contribuir nessa discussão, este artigo desenvolve a análise dos significados potenciais de trinta das mais icônicas imagens veiculadas pelo jornalismo em âmbito global, entre 2001 e 2017, a partir da perspectiva da teoria geral do imaginário e da matriz arquetipológica, desenvolvidas por Gilbert Durand. A análise desenvolvida utiliza o método mitocrítico e a classificação dos regimes de imagens. Os resultados revelam que 80% dessas imagens são associadas a notícias com conotações negativas. As más notícias são ilustradas por imagens predominantemente diurnas, isto é, que materializam uma visão de mundo pautada pela lógica do combate, cisão, purificação e hipóstase das dificuldades existenciais. Destaca-se nesse âmbito a redundância do arquétipo da oposição alto vs. baixo, presente em 80% delas, sendo o aspecto da queda – que junto com a ascensão compõem duas faces do mesmo arquétipo – o mais frequente.

Palavras-chave

Jornalismo; Imagem; Arquétipo; Imaginário; Fotojornalismo.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: silvioanaz@hotmail.com

Triviality of evil and exceptionality of good in the archetypal images in journalism

Silvio Anaz¹

Abstract

Bad news occupy a significative space in journalism (press, TV and on line). Many of them are illustrated by photos and videos that contribute to reinforce their negativity. Several hypotheses from communications, psychology, sociology, and anthropology fields try to explain this phenomenon. To contribute in the debate, this paper analyses 30 of the most influent journalistic images published from 2001 to 2017, from the perspective of the general theory of the imaginary and its anthropological matrix, developed by Gilbert Durand. The analysis uses the myth criticism method and the classification of regimen of images, proposed by Durand. The results show that 80% of the images are associated to negative news. The bad news are illustrated by images that are predominantly diurnals, what means that they reify a world vision based on the logic of combat, purification, separation and hypostasis of existential problems. It stands out the redundancy of the archetype of high vs. low that appear in 80% of images, with the movement of fall – that with the movement of ascension compound two aspects of the same archetype – being the most frequent.

Keywords

Journalism; Image; Archetype; Imaginary; Photojournalism.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: silvioanaz@hotmail.com

Valores-notícia e as imagens jornalísticas mais influentes

O material jornalístico que é divulgado nos mais influentes veículos de comunicação contemporâneos geralmente atende a critérios substantivos usados para estabelecer o potencial de veiculação de uma notícia que, segundo Wolf (2008, p. 208-214), são: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos, impacto sobre a nação (ou localidade) e o interesse nacional (ou local), quantidade de pessoas implicadas e relevância e significatividade do acontecimento em relação ao desenvolvimento futuro de uma situação.

Ainda que haja uma carência de levantamentos e estudos estatísticos, é possível observar que dentre as matérias veiculadas, a partir dos critérios que estabelecem os valores-notícia, há uma quantidade significativa daquelas com teor negativo (ou más notícias) no conjunto das editoriais (política, economia, esportes, internacional, artes) dos principais veículos de comunicação. Considera-se aqui má notícia aquela cujo teor refere-se a acontecimentos prejudiciais ao bem-estar comum da sociedade (violência e conflitos armados, tragédias ambientais e decorrentes de fenômenos naturais, corrupção, crise econômica e desrespeito aos direitos humanos, entre outros) e as que tratam de infortúnios individuais (acidentes, erros médicos, suicídios, degradação pessoal etc.). As notícias positivas (ou boas notícias) são as que relatam acontecimentos favoráveis ao bem-estar comum da sociedade e que retratam as vitórias individuais (de modo moralmente aceito) frente a adversidades. Estas conotações – negativas ou positivas – são verificadas a partir da perspectiva que emerge da própria notícia que a imagem ilustra. Assim, quando se observa as coletâneas de imagens jornalísticas que mais se destacaram, no âmbito global, é possível encontrar nelas os critérios que definem os valores-notícia, conforme descrito por Wolf (2008), e verificar o predomínio daquelas associadas a eventos negativos.

Exemplo disso é a seleção das 100 imagens mais influentes, feita pela revista *Time*, dentre as quais 10 pertencem ao período de 2001 a 2017 (Quadro 1). Nesse universo de imagens, 7 referem-se a fatos negativos e 3 a positivos ou a perspectivas positivas adotadas nas matérias.

Ano	Título/Tema	Fotógrafo	Conotação
2001	Falling man - September 11	Richard Drew	negativa
2003	The hooded man	Sergeant Ivan	negativa
2004	Coffin ban	Tami Silicio	negativa
2005	Iraqi girl at checkponit	chris Hondros	negativa
2007	Gorilla in the Congo	Brent Stirton	negativa
2009	The death of Neda	Desconhecido	negativa

2011	The situation room	Pete Souza	positiva
2013	North Korea	David Guttenfelder	positiva
2014	Oscar selfie	Bradley Cooper	positiva
2015	Alan Kurdi	Nilüfer Demir	negativa

Quadro 1 - Imagens mais influentes - Revista *Time* (2001-2017)

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Outra coletânea que traz as imagens jornalísticas mais influentes é a da rede de televisão a cabo CNN. Das 25 imagens selecionadas, 6 pertencem ao período 2001-2017 (Quadro 2). Delas, 4 têm conotação negativa ou estão associadas a más notícias.

Ano	Título/Tema	Fotógrafo	Conotação
2001	Falling man - September 11	Richard Drew	negativa
2001	The Flag - World Trade center - September 11	Thomas E. Franklin	positiva
2004	The hooded man	Sergeant Ivan	negativa
2011	The situation room	Pete Souza	positiva
2012	Shooting at Sandy Hook elementary School	Shannon Hicks	negativa
2013	Explosion at Boston Marathon	John Tlumacki	negativa

Quadro 2 - Imagens mais icônicas - CNN (2001-2017)

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Coletânea de imagens importantes no jornalismo que escapa à visão estadunidense é a do World Press Photo, organização holandesa sem fins lucrativos, voltada ao desenvolvimento do fotojornalismo. Na seleção (Quadro 3) também há o predomínio de imagens com teor negativo, que correspondem a cerca de 80% das fotos premiadas entre 2001 e 2017 [1].

Ano	Título/Tema	Fotógrafo	Conotação
2001	The Sanchez family at home in a Texas colonia	Lara Jo Regan	negativa
2002	Dead baby	Erik Refner	negativa
2003	Dead father's trousers	Eric Grigorian	negativa
2004	Iraqi man comforts his son	Jean-Marc Bouju	negativa
2005	Woman mourns a relative killed	Arko Datta	negativa

2006	Mother and child	Finbarr O'Reilly	negativa
2007	Young Lebanese	Spencer Platt	negativa
2008	Solider sinks	Tim Hertherington	negativa
2009	Vandalized house	Anthony Suau	negativa
2010	Women shout their dissent	Pietro Masturzo	negativa
2011	Disfigured Afghan girl	Jodi Bieber	negativa
2012	Effects of tear gas	Samuel Aranda	negativa
2013	Gaza burial	Paul Hansen	negativa
2014	Signal	John Stanmeyer	positiva
2015	Jon and Alex, a gay couple	Mads Nissen	positiva
2016	Hope for a new life	Warren Richardson	positiva
2017	An assassination in Turkey	Burhan Ozbilici	negativa

Quadro 3 - Imagens do ano - World Press Photo (2001-2017)

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Ainda que pequena e centrada nos olhares norte-americano e europeu, a amostragem obtida a partir das coletâneas de imagens aqui mencionadas traz uma seleção do que de mais impactante o fotojornalismo produziu com alcance global no começo deste milênio. Além de fornecer as imagens que compõem o *corpus* a ser aqui analisado, a amostragem também confirma o predomínio, dentre as imagens mais influentes, daquelas que remetem a representações negativas do mundo, no jornalismo contemporâneo. Um dos caminhos para compreender a força e os significados que essas imagens alcançam no jornalismo é analisá-las à luz da teoria geral do imaginário.

Imagens arquetípicas e lógicas de representação do mundo

Repensar as teorias e práticas do jornalismo a partir da perspectiva heurística do imaginário tem sido o objetivo de importantes estudiosos dos processos comunicacionais. Gislene Silva (2010, p. 245) é um deles e propõe fazer isso a partir de três pressupostos: questionar os fundamentos da objetividade, imparcialidade, clareza e exatidão que sustentam a teoria do jornalismo amplamente difundida; compreender a imagem como “manifestação sensível do abstrato ou do invisível – algo próximo de imagem literária, afetada pela psique, pelo consciente e inconsciente, pelos devaneios e sonhos, e não apenas como imagem pictórica, acoplada a suportes iconográficos”; e entender que “na relação entre imaginário e jornalismo interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (SILVA, 2010, p. 245). Silva (2010,

p. 251) vê nas matérias jornalísticas potencial não só para responder às demandas objetivas, mas também às subjetivas, o que possibilita ao consumidor dessas notícias transcender o rotineiro. Essa transcendência, ainda que o público, muitas vezes, não se dê conta dela, leva à construção de representações de mundo carregadas de imagens arquetípicas e regidas por lógicas de pensamento que constituem o cerne de um imaginário.

Tal possibilidade sustenta-se nas teses apresentadas pela teoria geral do imaginário, desenvolvida por Gilbert Durand, na trilha aberta principalmente pelos estudos e ideias de Gastón Bachelard, Carl G. Jung e Mircea Eliade. Durand (2002) propõe, em sua hipótese central, o imaginário como resultado das correlações de forças que se originam nas pulsões biológicas e nas coerções dos meios social e natural. Ele denomina de trajeto antropológico ou trajeto do sentido o processo que se dá entre os dois polos: das pulsões inerentes ao ser humano e das coerções exteriores – é da ação dessas forças contrárias que surgem os elementos simbólicos e suas articulações que compõem um imaginário. De forma sucinta, o imaginário é, para Durand (2002, p. 18), “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” e “o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”.

As imagens são, assim, um dos produtos do imaginário. Isso parece evidente quando se pensa nas imagens ficcionais, imagens de coisas que não existem, originadas da capacidade do *sapiens* de criar ficções. Mas, também, estão sujeitas à ação da imaginação humana as imagens que já se apresentam prontas no mundo exterior e que são internalizadas e construídas a partir das sensações, principalmente a visão, e aquelas que são recriadas no nosso pensamento (mundo interno) a partir da memória, das palavras e de outros sentidos e linguagens – circunstância que Bachelard (1993) atribui à propriedade da imaginação humana de deformar no âmbito da representação [2] as imagens oriundas das sensações e da percepção. Para Almeida (2016, p. 204), tal fenômeno mostra que a imaginação atua não somente no momento de criação da obra – neste caso, a imaginação do criador – como também no momento de fruição, uma vez que o leitor ou espectador também “empreende esforços perceptivos, imaginativos e cognitivos para construir a história que está lendo/assistindo”.

Na perspectiva durandiana, os arquétipos assumem um papel central na construção dos sentidos das imagens, seja no momento da sua criação, seja no da fruição. Durand parte do conceito de arquétipo proposto por Jung, que o define como uma possibilidade de manifestação e concretização de imagens e símbolos: “O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas preformandi*, uma possibilidade dada *a priori* da forma de sua representação” (JUNG, 2017, p. 87.). Tanto para Jung como para Durand, o arquétipo é imagem primordial, universal e a-histórica. Ele pode ser comparado figurativamente a uma forma vazia que é preenchida por diferentes imagens (em diferentes culturas), mas todas

remetendo aos significados daquele arquétipo. O arquétipo em si é algo irrepresentável (JUNG, 2017). Assim, o que é identificável é a imagem arquetípica, isto é, aquela que preenche a forma que está vazia. Portanto, ainda que haja várias e distintas imagens que remetam ao mesmo arquétipo, todas trazem o mesmo potencial de significados arquetípicos. Barros (2013, p. 108) destaca que “ao se preencher, o arquétipo se torna consciência, já não é mais arquétipo, já iniciou sua simbolização, materializando suas potencialidades”. É preciso ainda ressaltar que Jung (2017) define os arquétipos como ambivalentes, pois carregam em si representações negativas e positivas das coisas do mundo.

Durand (2002) coloca a ideia do arquétipo no âmago de sua teoria geral do imaginário e dá a ele a função de elemento conector entre os mundos interno (psíquico) e externo (natural e cultural) do homem. Nessa perspectiva, os arquétipos são componentes fundamentais do subsolo de onde surgem as representações simbólicas que o ser humano faz das coisas do mundo, sendo o jornalismo uma dessas formas de representação. Assim, a tese aqui explorada é que tanto o texto como as imagens jornalísticas constroem e compartilham seus significados a partir de imagens e estruturas narrativas arquetípicas: ainda que tenha sua autoridade baseada numa busca pela verdade mais objetiva possível e, portanto, opere no âmbito da não-ficção, a eficiência da comunicação jornalística passa pela intermediação dos arquétipos de forma similar ao que acontece no processo comunicacional – da criação à fruição – das narrativas ficcionais.

Na concepção durandiana, os arquétipos são produtos do trajeto antropológico e matrizes de imagens simbólicas e ideias que compõem um imaginário. Durand desenvolve uma arquetipologia a partir do amplo recenseamento que faz da produção simbólica do *homo sapiens* e os resultados mostram a convergência das imagens e seus sentidos em torno de dois eixos. Assim, ele estabelece uma classificação das imagens arquetípicas divididas no que ele denominou como regime diurno e regime noturno. Tais regimes de imagens constituem-se em duas grandes lógicas de representação do mundo aos quais se correlacionam grandes “arquétipos atributos” (abstratos), dos quais, por sua vez, derivam “arquétipos substantivos” (concretos), conforme o sintetizado no Quadro 4. Importante frisar que essa derivação arquetípica opera no âmbito do imaginário de forma matricial e dinâmica e pode seguir adiante para arquétipos cada vez mais específicos. Por exemplo: os arquétipos atributos do alto, do claro e do puro podem compor o arquétipo do herói que, por sua vez, pode derivar para um tipo específico de herói com características arquetípicas próprias, como o policial, o militante político, o cientista, entre outros.

Regime de imagem	Arquétipos atributos	Arquétipos substantivos
DIURNO	ALTO ≠ BAIXO	O CÉU ≠ O INFERNO
	PURO ≠ MANCHADO	A LUZ ≠ AS TREVAS
	CLARO ≠ ESCURO	O CUME ≠ O ABISMO
		O HERÓI ≠ O MONSTRO
		O CHEFE ≠ O INFERIOR
		A ASA ≠ O RÉPTIL
		O ANJO ≠ O ANIMAL
		O BATISMO ≠ A MANCHA
		A ARMA HERÓICA ≠ A ATADURA
		O AR ≠ O MIASMA
NOTURNO		A MULHER
		O ALIMENTO
		A MÃE
		A NOITE
		O RECIPIENTE
		A CRIANÇA
	PROFUNDO	A SUBSTÂNCIA
	CALMO	A FLOR
	QUENTE	A MORADA
	ÍNTIMO	O CENTRO
ESCONDIDO	O MICROCOSMO	
PARA A FRENTE (FUTURO)	A COR	
PARA TRÁS (PASSADO)	O FILHO	
	A ÁRVORE	
	O FOGO-CHAMA	
	A RODA	
	A CRUZ	
	A LUA	
	O ANDRÓGINO	
	O GERME	
	O DEUS PLURAL	

Quadro 4 – Regimes de imagens e arquétipos
Fonte: Durand (2002, p. 443)

Durand (2002) mostra que para o regime diurno, ao qual correspondem as estruturas figurativas heroicas, convergem imagens regidas pela lógica do distinguir, da ascensão e da separação. São imagens que operam por oposições. No regime diurno, predomina a atmosfera de combate, cisão, purificação e hipóstase das dificuldades existenciais (DURAND, 1987, p. 147). Para o regime noturno convergem imagens regidas pela lógica do confundir (misturar) e do ligar (unir). O regime noturno subdivide-se em dois tipos de estruturas figurativas: as antifrásicas (ou místicas) e as dramáticas (ou sintéticas). Nas místicas (misturar), predomina a atmosfera de repouso, harmonia e equilíbrio (ibid., p. 148). Nas sintéticas (unir), predomina a atmosfera da integração, do cíclico e da alternância dos opostos (ibid., p. 150).

Dessa maneira, olhar para as imagens jornalísticas mais importantes na contemporaneidade, a partir dos conceitos de imagem arquetípica e dos regimes de imagens (e suas lógicas), oferece novas possibilidades de compreensão dos sentidos contidos nelas que transcendem o imediato característico do jornalismo e revelam padrões primordiais e coletivos de conhecimento do mundo.

Imagens que transcendem o imediato do jornalismo

Na perspectiva da teoria geral do imaginário, imagens que compõem as notícias podem trazer em si vestígios que remetem a padrões que intermediam o processo humano de conhecimento: os arquétipos. Quando isso ocorre, a imagem tem o potencial de estabelecer conexões com questões que estão além do fato concreto e imediato reportado pela notícia e remeter a sentidos abstratos e universais, que se repetem desde tempos primordiais e que, portanto, transcendem os valores-notícias. As imagens no jornalismo atualizam, assim, representações atávicas sobre as coisas

do mundo. Tal representação pode se dar de forma simplificada e homogênea (mais frequente), com imagens estereotipadas – entende-se aqui o estereótipo como uma degradação do arquétipo – , ou de forma complexa e heterogênea (mais rara), com as imagens arquetípicas.

Nas seleções de imagens feitas pela *Time*, CNN e World Press Photo há imagens que por si só, independente do texto noticioso, evidenciam suas conotações, e outras que são dúbias e dependem do texto para enfatizar os sentidos potenciais que carregam. Nos casos da dependência do texto noticioso, como bem destaca Barros (2013, p. 114), as ênfases noticiosas nos aspectos históricos e geográficos podem eliminar ou atenuar a força da imagem simbólica que transcende aspectos imediatos e de um grupo específico, remetendo a questões universais e a-históricas da condição humana. Para evitar isso, buscou-se, nesses casos, enfatizar os índices dos arquétipos que elas preenchem, ainda que de forma tênue ou degradada.

A proposta desta etapa do estudo é, assim, olhar as imagens jornalísticas tendo como matriz de análise a arquetipologia e os regimes de imagens propostos por Durand (Quadro 4). Busca-se, num primeiro momento, identificar os arquétipos que essas imagens potencialmente preenchem, para, a seguir, compreender a força comunicacional que elas podem alcançar a partir das correlações que estabelecem com as lógicas de pensamento que regem os regimes de imagens. Assim, os elementos presentes nas imagens são interpretados a partir dos dez arquétipos atributos, mais abstratos e amplos, propostos por Durand: alto≠baixo, claro≠escuro, puro≠manchado, profundo, calmo, quente, íntimo, escondido, para a frente (futuro), para trás (passado). Apesar das conexões sócio-históricas presentes nas imagens do fotojornalismo, em função da sua própria natureza, busca-se aqui sentidos que sejam arquetípicos, isto é, que transcendam as relações mais imediatas e alcancem significações universais e atemporais.

O primeiro grupo de imagens a ser analisado é o daquelas com conotações negativas, que correspondem a quase 80% (23 em 30 imagens) do *corpus*. As análises trazem algumas das principais significações potenciais dessas imagens e os arquétipos a elas relacionados.

Imagens com conotações negativas e seus arquétipos:



Imagem 1 - Falling man
Fonte: Richard Drew / Time

A Imagem 1 enfatiza o tema da queda. No contexto da notícia – o ataque terrorista ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001 –, destaca-se a significação da oposição alto vs. baixo à medida que se registra o movimento de descida, enfatizado pela posição de ponta cabeça do indivíduo, tendo como pano de fundo um dos símbolos do poder econômico global. A metáfora da queda nesse contexto pode referir-se à queda da civilização (alto) frente à barbárie (baixo), em um ponto de vista, ou da queda do profano (baixo) frente ao sagrado (alto), no ponto de Vista Oposto. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Puro ≠ Manchado.



Imagem 2 - The Sanchez family
Fonte: Lara Jo Regan / World Press Photo

A Imagem 2 destaca as ideias de proteção (a morada), intimidade, família (o microcosmo) e precariedade. No contexto em que se insere, da reportagem sobre as condições de vida dos imigrantes que vivem em conjuntos residenciais sem infraestrutura nos Estados Unidos, a imagem enfatiza também aspectos da união familiar numa luta pela sobrevivência, protagonizada pela mulher. Arquétipos: Calmo, Íntimo, Escondido.



Imagem 3 - Dead baby

Fonte: Erik Refner / World Press Photo

A Imagem 3 pode remeter a significações distintas: a do sono (vida) ou a da morte. A notícia refere-se às condições de vida dos refugiados por conta da instabilidade política no Afeganistão e da seca no Paquistão. A imagem registra o ritual muçulmano de preparação do corpo de um bebê de um ano, morto por desidratação. Nesse contexto, destaca-se principalmente a ideia da fragilidade e inocência da infância (a criança) frente às disputas adultas, o que remete às oposições: anjo ou inferior (criança, baixo, puro) vs. animal ou chefe (adulto, alto, manchado). Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Puro ≠ Manchado.



Imagem 4 - Dead father's trousers

Fonte: Eric Grigorian / World Press Photo

O ponto central da Imagem 4 é a criança agachada chorando. A notícia é sobre o enterro do pai do garoto, uma das vítimas do terremoto que atingiu o Irã. As ideias da queda, do caos e da impotência são enfatizadas pela imagem. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.



Imagem 5 - The hooded man
Fonte: Sergeant Ivan / *Time* / CNN

A Imagem 5 remete a distintas significações, como a do mártir ou do fantoche. Ela ilustra notícia sobre a tortura de prisioneiros de guerra praticada por membros das forças norte-americanas, no presídio de Abu Ghraib, no Iraque. Nesse contexto, predomina a ideia do martírio e da crueldade, reforçada pela indiferença do soldado que aparece, parcialmente, à direita na imagem. O mártir tende a ser o herói ou inferior (prisioneiro) frente ao monstro ou chefe (soldado). Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Puro ≠ Manchado.



Imagem 6 - Iraqui man comforts his son
Fonte: Jean-Marc Bouju / World Press Photo

A Imagem 6 remete à ideia do mártir (herói vs. monstro, inferior vs. chefe) e de intimidade e proteção (a mãe, o filho). A notícia diz respeito à situação em um campo de prisioneiros no Iraque, em que o homem acabou de ser aprisionado pelas forças norte-americanas e foi autorizado a consolar o filho. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Íntimo, Calmo.



Imagem 7 - Coffin ban
Fonte: Tami Silicio / *Time*

A Imagem 7 remete à ideia da queda. A notícia refere-se ao transporte de soldados norte-americanos mortos no Iraque. Nesse contexto, a imagem enfatiza, por um lado, a derrota na oposição herói vs. monstro, e o escondido (o recipiente, a morada), por outro. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Escondido.



Imagem 8 - Iraqi girl at checkpoint
Fonte: Chris Hondros / World Press Photo

A Imagem 8 enfatiza o tema do terror. Ela ilustra notícia sobre uma garota que acaba de ficar órfã após soldados norte-americanos atirarem equivocadamente no carro em que viajava com seus pais, no Iraque. Nesse contexto, mais do que o horror e as dores da guerra, enfatiza-se a inversão dos papéis de monstro e herói. A criança aparece como o puro e o claro frente ao soldado que representa o escuro e o manchado. A ideia da queda surge associada à tragédia promovida pelas tropas americanas. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Puro ≠ Manchado, Claro ≠ Escuro.



Imagem 9 - Woman mourns a relative
Fonte: Arko Datta / World Press Photo

A Imagem 9 remete à ideia da queda. A notícia é sobre as vítimas do tsunami que atingiu a Índia. Neste caso, o lamento é de uma jovem mulher pela perda de um de seus parentes, que não aparece completamente na imagem. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Escondido.



Imagem 10 - Mother and child

Fonte: Finbarr O'Reilly / World Press Photo

A Imagem 10 ilustra notícia que diz respeito à fome, provocada por secas e pragas, que afligiu milhares de pessoas, especialmente crianças, no Níger. A imagem remete às ideias da intimidade e da proteção (a mãe e o filho). No contexto da notícia, a mão e os dedos frágeis do bebê remetem também à questão do alimento, do profundo e do escondido. Arquétipos: Íntimo, Profundo, Escondido.

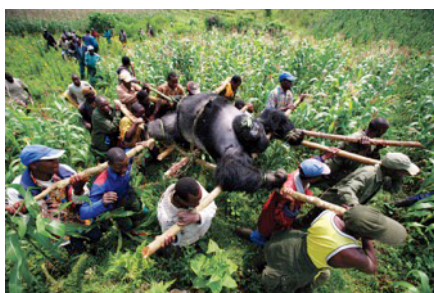


Imagem 11: Gorilla in the Congo

Fonte: Brent Stirton / *Time*

A Imagem 11 remete inicialmente à ideia do humano vs. animal, do herói vs. monstro. A notícia é sobre os gorilas mortos num parque nacional no Congo em função de conflitos entre guardas e grupos ilegais que agem dentro do parque. A ideia da queda, da derrota frente à barbárie prevalece. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.



Imagem 12 - Younger lebanese
Fonte: Spencer Platt / World Press Photo

A Imagem 12 remete à ideia da queda e do caos. A notícia é sobre os bombardeios que Israel lançou contra o Hezbollah, no Líbano. São enfatizadas as ideias de oposição inferno vs. céu e de distinção entre ordem vs. caos. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.

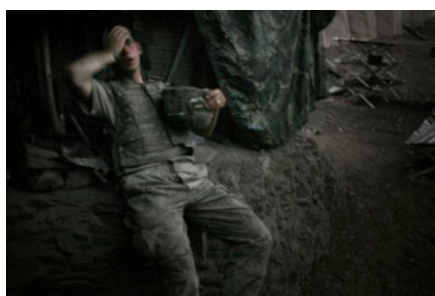


Imagem 13 - Soldier sinks
Fonte: Tim Hetherington / World Press Photo

A Imagem 13 remete às ideias do abismo vs. cume, do inferno vs. céu, do escuro vs. claro e do baixo vs. alto, além da ideia do escondido. A notícia diz respeito à campanha das tropas norte-americanas no Afeganistão. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Claro ≠ Escuro, Escondido.

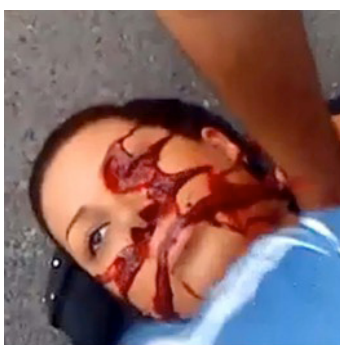


Imagem 14 - The death of Neda
Fonte: *Time*

A Imagem 14 remete à ideia da queda. A notícia é a do assassinato da iraniana Neda Agha-Soltan, atingida por um tiro disparado por um atirador pró-governo, após ela descer de seu carro em meio a um protesto popular em Teerã contra a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad. Nesse contexto, a imagem enfatiza as oposições herói vs. monstro e anjo vs. animal, relacionadas à ideia de puro vs. manchado.

Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Puro ≠ Manchado.



Imagem 15 - Vandalized house
Fonte: Anthony Suau / World Press Photo

A Imagem 15 remete à ideia de caos, destruição e decadência. A notícia é sobre a verificação, pela polícia, da presença de sem-tetos ou usuários de drogas em uma das inúmeras residências, cujos proprietários não conseguiram honrar as hipotecas nos Estados Unidos. Observa-se o predomínio dos aspectos negativos dos arquétipos da morada e do recipiente, em que, em vez do predomínio da ideia de proteção, prevalece a da ameaça. Nesse sentido, enfatiza-se o papel bélico do policial frente ao desconhecido, representado pela porta escura prestes a ser transpassada (herói vs. monstro). Arquétipos: laro ≠ scuro, Alto ≠ Baixo, Escondido.

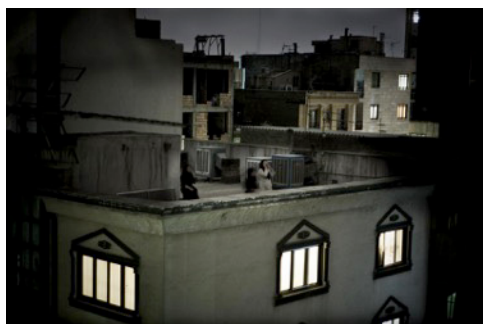


Imagem 16 - Women shout
Fonte: Pietro Masturzo / Word Press Photo

A Imagem 16 remete à ideia de ascensão e desafio. A notícia é sobre os protestos femininos em Teerã contra a reeleição de Mahmoud Ahmadinejad à presidência do Irã. Nesse contexto, a imagem enfatiza a ideia do herói vs. monstro, do inferior vs. chefe. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.



Imagem 17 – Disfigured girl
Fonte: Jodi Bieber / World Press Photo

A Imagem 17 remete às oposições entre o herói e o monstro, a arma heroica e a atadura. A notícia refere-se a Bibi Aisha, uma jovem mulher afegã que foi mutilada pelo marido – teve as orelhas e o nariz cortados – e, após deixá-lo, estava sendo perseguida por ele e pelo Talibã. Nesse contexto, a imagem enfatiza a marca da violência e da perseguição. As dualidades heroísmo vs. monstrosidade e pureza vs. mancha se destacam. Arquétipos: Puro ≠ Manchado.



Imagem 18 – Shooting at Elementary School
Fonte: Shannon Hicks / CNN

A Imagem 18 remete à questão da proteção frente à ameaça, da ordem vs. caos, do herói frente ao monstro. A notícia diz respeito a um tiroteio numa escola em Connecticut (EUA). Arquétipos: Puro ≠ Manchado, Alto ≠ Baixo.



Imagem 19 – Effects of tear gas
Fonte: Samuel Aranda / World Press Photo

A Imagem 19 remete à ideia de proteção, da relação mãe-filho, da mãe protetora, do íntimo e do calmo. A imagem acompanha notícia sobre Fatima al-Qaws

acolhendo seu filho após ele participar de um protesto no Iêmen e ser atingido por gás lacrimogêneo. Arquétipos: Íntimo, Calmo, Quente, Escondido, Puro ≠ Manchado.



Imagem 20 - Boston marathon attack
Fonte: John Tlumacki / CNN

A Imagem 20 remete às ideias de caos e queda. A notícia é sobre o atentado à Maratona de Boston (EUA). Há, neste caso, ênfase nas oposições inferno vs. céu, monstro vs. herói, abismo vs. cume. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.



Imagem 21 - Gaza burial
Fonte: Paul Hansen / World Press Photo

A Imagem 21 ilustra notícia sobre o enterro de duas crianças palestinas mortas por um ataque aéreo israelense à cidade de Gaza. Nesse contexto, a imagem remete às oposições céu vs. inferno, herói vs. monstro, anjo vs. animal e atadura vs. arma heroica. Arquétipos: Puro ≠ Manchado, Alto ≠ Baixo.



Imagem 22 - Alan Kurdi
Fonte: Nilúfer Demir / *Time*

A Imagem 22 remete à ideia da fragilidade da infância e da inocência frente ao mundo adulto. Ela ilustra a notícia sobre a morte de Alan Kurdi, uma criança

síria que, junto com os pais e o irmão, fugia da guerra civil na Síria. Eles acabaram naufragando na costa grega. Nesse contexto, destaca-se as oposições anjo vs. animal, céu vs. inferno, inferior vs. chefe, monstro vs. herói. Arquétipos: Puro ≠ Manchado, Alto ≠ Baixo.

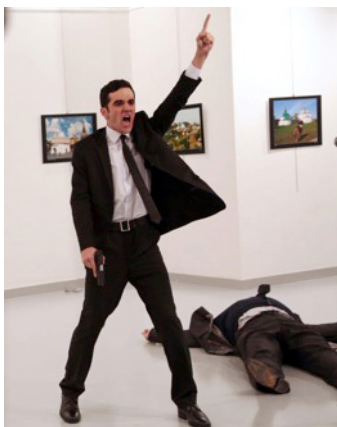


Imagem 23 - An assassination in Turkey
Fonte: Burhan Ozbilici / World Press Photo

A Imagem 23 remete às oposições monstro vs. herói, arma heroica vs. atadura e chefe vs. inferior. A notícia diz respeito ao assassinato do embaixador russo, na Turquia, por um policial turco em retaliação ao apoio do governo russo ao governo sírio na guerra civil daquele país. Nesse contexto, a ênfase está no heroísmo, vingança e violência, na retaliação daquele que entende representar os mais fracos contra os mais fortes (Davi vs. Golias). A queda do representante dos mais fortes (embaixador russo caído morto ao lado do assassino em pé) enfatiza a inversão das forças e o ato heroico. Arquétipo atributo: lto ≠ aixo.

Há nas imagens que ilustram notícias negativas (ou más notícias) aqui analisadas a predominância de arquétipos associados ao regime diurno (Quadro 5).

Arquétipo	Incidência	Frequência 1	Frequência 2
Alto ≠ Baixo	19	82,61%	39,58%
Puro ≠ Manchado	10	43,48%	20,83%
Claro ≠ Escuro	3	13,04%	6,25%
Profundo	1	4,35%	2,08%
Calmo	3	13,04%	6,25%
Quente	1	4,35%	2,08%
Intimo	4	17,39%	8,33%
Escondido	7	30,43%	14,58%
Para frente (futuro)	0	0,00%	0,00%
Para trás (passado)	0	0,00%	0,00%

Quadro 5 - Frequência dos arquétipos nas imagens com conotações negativas [3]

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O regime diurno caracteriza-se, como já mencionado no item anterior, pela convergência de imagens arquetípicas em torno do eixo de representações das ideias de combate, cisão, purificação e exacerbação das dificuldades existenciais. O que se destaca nas imagens analisadas é que elas remetem ao sentido do embate em diferentes circunstâncias (humano vs. humano e humano vs. natureza): guerras (Imagens 5, 6, 7, 8, 12, 13, 21 e 22), atentados terroristas (Imagens 1, 18, 20 e 23), catástrofes naturais (Imagens 3, 4, 9 e 10) e protestos políticos (Imagens 14, 16 e 19). Elas enfatizam as consequências e os resultados negativos desses embates, mostrando suas vítimas diretas ou indiretas. Independentemente dessas vítimas serem vistas como heróis ou vilões, em função da interpretação que se faça das imagens e do conteúdo das notícias [4], elas se situam em um dos polos de uma lógica de oposição e de distinção que caracteriza a forma diurna de ver o mundo.

A oposição arquetípica mais frequente é entre o alto e o baixo – presente em 19 das 23 imagens (83% delas). Associada ao reflexo biológico postural do ser humano, na perspectiva durandiana, tal oposição está relacionada tanto ao movimento ascensional (ascender e vencer na vida) quanto à ideia de superioridade (ser o mais poderoso e estar acima de tudo e de todos). As imagens enfatizam o contraste entre o ascensional e a superioridade e o polo da queda e da inferioridade. Ainda que haja, em muitas imagens, a ênfase nas vítimas ou derrotados, isto é, a valorização negativa dos aspectos diurnos, a lógica que rege seus sentidos continua a ser a diurna, mais especificamente no aspecto do enfrentamento.

Tais imagens representam um sistema de pensamento maniqueísta e antitético. Durand (2002) propõe a hipótese de que o regime diurno se erige a partir da reação extrema da imaginação humana à autoconsciência da finitude (angústia frente à inevitabilidade da morte) e do tempo que se esvai (percepção de passado e futuro). Dentre as imagens atávicas, fruto das primeiras experiências temporais e ontológicas do *Homo sapiens* – classificadas em simbolismos teriomórfico, nictomórfico e catamórfico –, são as imagens que remetem à ideia de queda (simbolismo catamórfico) as mais presentes entre as aqui analisadas: a queda do profano ante o sagrado, dos valores ocidentais ante os orientais, da civilização ante a barbárie, do bem ante o mal, da ordem ante o caos, do inocente ante o culpado.

A queda é, como destaca Durand (2002, p. 112), a primeira experiência traumática do ser humano, uma vez que o recém-nascido sofre o impacto da mudança repentina de posição (da proteção do interior do corpo materno para o mundo exterior): “Haveria não só uma imaginação da queda, mas também uma experiência temporal, existencial [...]”. O esquema da queda é a face negativa e inseparável do da ascensão, e associam-se a ela por isomorfismo principalmente as ideias de morte, injustiça, derrota e destruição.

Imagens com conotações positivas e seus arquétipos:



Imagem 24 - The situation room
Fonte: Pete Souza / *Time* / CNN

A Imagem 24, que ilustra notícia sobre o acompanhamento ao vivo pelo presidente e cúpula do governo dos Estados Unidos da captura de Osama Bin Laden, remete à ideia da união de aliados ante o inimigo, na perspectiva do embate, mas também do esconderijo, do secreto, tanto de um lado (norte-americanos) quanto de outro (Bin Laden). Arquétipos: Escondido, Claro ≠ Escuro.



Imagem 25 - North Korea
Fonte: David Guttenfelder / *Time*

A Imagem 25, que ilustra matéria sobre a Coreia do Norte, remete à ideia do segredo revelado, assim como do simples e tranquilo. Arquétipos: Calmo, Escondido.



Imagem 26 - Oscar selfie
Fonte: Bradley Cooper / *Time*

A Imagem 26, referente à cerimônia do Oscar de 2014, remete à ideia da festa, do coletivo, do prazer, mas também do sucesso, do ascensional. Arquétipos: Quente, Íntimo, Alto ≠ Baixo.



Imagem 27 - The flag – World Trade Center
Fonte: Thomas E. Franklin / CNN

A Imagem 27, que ilustra matéria sobre os bombeiros no World Trade Center após o atentado do 11 de setembro de 2001, remete à ideia do reerguer-se, da ressurreição, do movimento ascensional. Arquétipo: Alto ≠ Baixo.



Imagem 28 - Signal
Fonte: John Stanmeyer / World Press Photo

A Imagem 28, que mostra migrantes africanos tentando obter sinal (mais barato) para ligações de seus celulares na fronteira com a Somália, remete a elementos ascensionais e de luminosidade. Arquétipos: Alto ≠ Baixo, Claro ≠ Escuro.

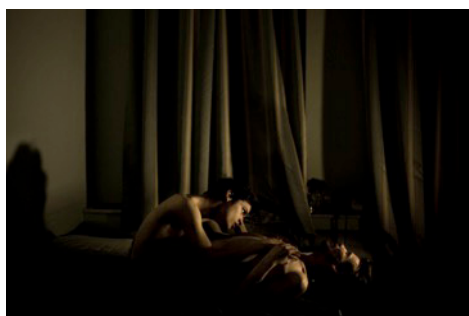


Imagem 29 - Jon and Alex, a gay couple
Fonte: Mads Nissen / World Press Photo

A Imagem 29, que mostra a intimidade de um casal homossexual na Rússia, em notícia sobre as dificuldades da vida para homossexuais, bissexuais e transgêneros neste país, remete às ideias do esconderijo, do abrigo, da caverna, da intimidade, da proteção e do prazer. Arquétipos: Escondido, Calmo, Quente, Íntimo.

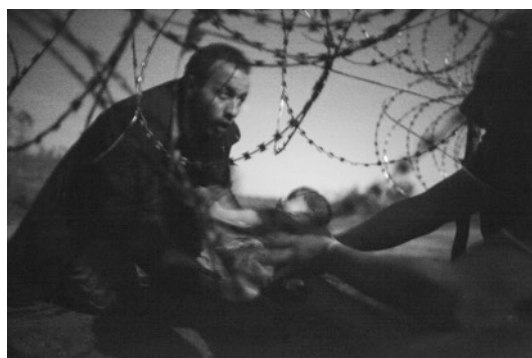


Imagem 30 - Hope for a new life
Fonte: Warren Richardson / World Press Photo

A Imagem 30, que ilustra notícia sobre os refugiados sírios na Europa, remete à ideia de salvação, da perspectiva futura e da superação das barreiras colocadas na trajetória, notadamente do bebê que se torna elemento central na imagem. Arquétipos: Puro ≠ Manchado, Para frente (Futuro), Escondido.

Em uma inversão do que acontece com as imagens negativas, nas imagens que ilustram notícias positivas (ou boas notícias) aqui analisadas existe a predominância de arquétipos associados ao regime noturno (Quadro 5), que estão presentes em dois terços das imagens.

Arquétipo	Incidência	Frequência 1	Frequência 2
Alto ≠ Baixo	3	42,86%	17,65%
Puro ≠ Manchado	1	14,29%	5,88%
Claro ≠ Escuro	2	28,57%	11,76%
Profundo	0	0,00%	0,00%
Calmo	2	28,57%	11,76%
Quente	2	28,57%	11,76%
Íntimo	2	28,57%	11,76%
Escondido	4	57,14%	23,53%
Para frente (futuro)	1	14,29%	5,88%
Para trás (passado)	0	0,00%	0,00%

Quadro 6 - Frequência dos arquétipos nas imagens com conotações positivas [5]

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O regime noturno, em sua estrutura mais radical, a mística ou antifrásica, caracteriza-se pela lógica do repouso, harmonia e equilíbrio. O que se destaca nas

imagens com conotações positivas analisadas é que elas remetem predominantemente aos sentidos da bonança, coesão e conciliação (Imagens 24, 25, 26, 28 e 29). Tem relevância também a ideia do secreto, do escondido que aparece em cerca de 60% das imagens (Imagens 24, 25, 29 e 30). Ainda que não seja predominante como no conjunto de imagens de notícias com conotações negativas, o arquétipo da oposição alto-baixo é um dos mais presentes nas imagens com conotações positivas (Imagens 26, 27 e 28).

O predomínio do regime noturno nas imagens positivas indica que elas trazem uma representação de mundo mais conciliadora do que de confronto. Para Durand (2002, p. 194), o imaginário noturno é o do eufemismo que busca ver o mundo não mais de forma modelada pelo “sobre-humano da transcendência e da pureza das essências”, do regime diurno, e sim na “segura e quente intimidade da substância ou nas constantes rítmicas que escondem fenômenos e acidentes”. As imagens analisadas, especialmente as que ilustram as boas notícias, que carregam elementos noturnos, revelam a inversão em relação ao diurno. Exemplo disso são os sentidos da escuridão em duas imagens: na Imagem 28, ela remete à ideia da noite benfazeja e calma, em oposição à escuridão presente na Imagem 8, que remete a trevas ameaçadoras.

Considerações finais

A análise dos significados potenciais de 30 das mais icônicas imagens veiculadas pelo jornalismo em âmbito global, entre 2001 e 2017, a partir da perspectiva da teoria geral do imaginário e da matriz arquetipológica, desenvolvidas por Gilbert Durand, fornece um panorama das representações de mundo que elas materializam. Como afirmado anteriormente, a análise desenvolvida neste artigo não traz uma ênfase nas correlações sociais, históricas e políticas das imagens, mas busca enfatizar a força da imagem simbólica que transcende aspectos imediatos e de um grupo específico e remete a questões universais e a-históricas da condição humana.

Nessa perspectiva, 80% das imagens analisadas estão associadas a notícias com conotações negativas. As más notícias são ilustradas por imagens predominantemente diurnas, isto é, que materializam uma visão de mundo pautada pela lógica do combate, cisão, purificação e hipóstase das dificuldades existenciais. Destaca-se, nesse âmbito, a redundância do arquétipo da oposição alto vs. baixo, presente em 80% das imagens, sendo o aspecto da queda – que junto com a ascensão compõem duas faces do mesmo arquétipo – o mais frequente. Primeira experiência traumática do humano, a queda tem normalmente um aspecto catastrófico, desde as narrativas arcaicas às contemporâneas. A queda nas fotos aqui analisadas expressa-se, na maior parte das vezes, a partir da imagem de sua vítima ante um inimigo ausente: queda do profano ante o sagrado, dos valores ocidentais ante os orientais, da civilização ante a barbárie, do bem ante o mal, da ordem ante o caos, do inocente ante o culpado, mas quase sempre retratando unicamente aquele que é o sujeito ou o elemento simbólico

derrotado (física e/ou moralmente).

O arquétipo alto vs. baixo também é um dos mais frequentes nas imagens com conotações positivas. Neste caso, no entanto, é a face ascensional, com seu sentido de vitória, que prevalece sobre a da queda. Mas é o regime noturno, com suas lógicas de repouso, harmonia e equilíbrio ou de integração, cíclico e alternância de opostos, que prevalece no grupo minoritário (20% do *corpus*) de imagens de boas notícias. Nestas, o arquétipo do escondido é o mais frequente, presente em cerca de 60% das imagens.

Por fim, a predominância de elementos da visão de mundo diurna nas imagens jornalísticas, com destaque para o aspecto arquetípico da queda especialmente nas imagens que ilustram más notícias, aponta para a correlação desse fenômeno com a lógica diurna dominante no pensamento ocidental, com suas grandes dicotomias e antíteses e valorização das estruturas heroicas. Nesse sentido, as imagens jornalísticas diurnas podem ser fontes potenciais de (re)ações diurnas e vice-versa, resultando em um círculo vicioso e homogeneizante, em que o mal se torna trivial e o bem, excepcional.

Notas

[1] Parte do acervo da World Press Photo aqui analisada já foi objeto de estudos por Ana Taís Martins Portanova Barros, que resultou no artigo Símbolos do inferno: imagens de lugar nenhum e de algum lugar.

[2] O conceito de representação aqui usado refere-se às imagens que se formam no mundo interior do ser humano – imagens mentalizadas – usadas pelo cérebro no lugar do objeto presente ou ausente, real ou ficcional, mimético ou imaginado. A representação faz parte do sistema que forma a consciência humana junto com as sensações, as percepções e a imaginação, e deve ser entendida como resultado do processo evolucionário, conforme o descrito por Gärdenfors (2006).

[3] A coluna Incidência indica o número de imagens em que o arquétipo se manifesta; a coluna Frequência 1 diz respeito à presença de cada arquétipo em relação ao total de fotos; a coluna Frequência 2 refere-se à presença de cada arquétipo em relação ao total de arquétipos que aparecem nas imagens.

[4] A Imagem 1 exemplifica as possibilidades interpretativas opostas. Para muitos, o homem em queda no World Trade Center é um herói, vítima da atrocidade cometida pelos terroristas da Al-Qaeda, enquanto para os simpatizantes e membros da organização terrorista sua morte é um símbolo da derrota dos valores ocidentais profanos frente aos supostos valores sagrados defendidos pela organização.

[5] A coluna Incidência indica o número de imagens em que o arquétipo se manifesta; a coluna Frequência 1 diz respeito à presença de cada arquétipo em relação ao total de fotos; a coluna Frequência 2 refere-se à presença de cada arquétipo em relação ao total de arquétipos que aparecem nas imagens.

Referências

- ALMEIDA, Rogério. O processo de criação literária pensado pelo cinema de François Ozon: análise de dois filmes. In: LEÃO, Lucia (org.). **Processos do imaginário**. São Paulo: Képos, 2016.
- BACHELARD, Gastón. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, Ana T. M. P. Símbolos do inferno: imagens de lugar nenhum e de algum lugar. **Discursos fotográficos**, v. 9, n. 14, p. 90-122, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13255>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- CNN. **The 25 most iconic photographs**, 2013, Online. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2013/09/01/world/gallery/iconic-images/index.html>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, Yves. A formulação experimental do imaginário e seus modelos. **Revista da Faculdade de Educação**, USP, v. 13, n. 2, p. 133-154, 1987.
- GÄRDENFORS, Peter. **How homo became sapiens: on the evolution of thinking**. Nova York: Oxford University Press, 2006.
- HARK, Helmut. (org.). **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: a partir dos originais de C. G. Jung**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- JUNG, Carl-Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- SILVA, Gislene. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. **Famecos**, v. 17, n. 3, p. 244-252, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7382/o>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- TIME. **The most influential images of all time**. Disponível em: <http://100photos.time.com/>. Acesso em: 2 mar. 2018.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WORLD PRESS PHOTO. **Collection**. Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo>. Acesso em: 9 mar. 2018.